O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I.° ANNO

---

15 de Maio de 1862.

XVII.

SUMMARIO.

AGULHA EM PALHEIRO, por Camillo Castello Branco. ..... p. 533
VIAGENS. PORTO-FELIZ. (S. PAULO) por A. E. Zaluar ..... p. 543
UM PARENTHESIS NA VIDA. FRAGMENTOS DE UM MANUSCRIPTO, por S. ..... p. 549
JUPITER, por F.X. de Novaes ..... p. 552
DESCONFORTO. (FOLHA SOLTA), por Nuno Alvares ..... p. 559
PERDÃO, por J. B. de Pinto ..... p. 561
CHRONICA, por Machado de Assis ..... p. 563

RIO DE JANEIRO

TYP. DE BRITO & BRAGA, TRAVESSA DO OUVIDOR N.17

Agulha em palheiro.

(Continuação.)

VI.

Tinha expirado o praso de viagens, estipulado por Fernando, e acceite por seu pai. No penultimo mez dos dous annos, recebeu o moço carta de Francisco Lourenço, instando por sua ida, antes de concluidos os dous annos, se possivel fosse. O artista dizia assim em sua carta:

« Está pactuado o casamento de tuas irmans.

« Gracinda casa com um official de secretaria, rapaz de bom pro-
« ceder, e familia honrada. Genoveva, não menos feliz, vai unir-se
« a um capitão de mar e guerra, homem já entrado na idade, mas
« muito estimavel, e muito do agrado d'ella. O praser de nós todos
« seria que assistisses a esta festa, e enchugasses as lagrimas de teus
« velhos pais quando as duas meninas, na mesma hora, se separa-
« rem de nós. A estas dores chama o mundo *festas*! O apartar-me de
« meus filhos quer o mundo que eu o festeje, como se os aproximas-
« se mais de minha alma! Que tristesa será a desta casa, se tu aqui
« não estiveres, filho! Que direi eu ás lagrimas de tua mãe, e ella
« ás minhas!... E' preciso que nos ampares a ambos; aos teus bra-
« ços é que ambos pediremos força para acceitar com resignação esta
« dôr obrigatoria, pela qual alguns pais recebem parabens! Não me
« detenho a pedir-te que venhas! Surda estaria a tua alma, se não
« ouvisses os dous velhos que te estremecem .....

. . . . . »

Eu podia escrever muitas paginas, soberbas de hyperboles, umas minhas, e outras copiadas, para dizer quanto Fernando amava Paulina; porem, n'essas muitas paginas, seria tudo pouco para dizer tanto como n'esta linha: *Fernando leu a carta de seu pai, e não sahiu de Florença.* Isto vai sem ponto de admiração; por que eu, em materia d'amor, estou como Horacio a respeito de tudo mais: *nihil mirari.* Maiores desatinos que o de Fernando Gomes reclamam indulgencia das almas bem formadas, almas que não sejam raio de luz sem calor, n'uma pouca de lama, ou humano barro, que despara em lama.

Fernando mentiu a seu pai: disse que estava enfermo de febres, apanhadas em Roma nas lagôas pontinas. E mentiu sem vergonha de si mesmo! A celebrada honra de Epaminondas é a fabula mais paradoxal da antiguidade. Amasse elle uma Paulina, e estivesse em Florença, em Florença, que, no dizer do author de *Andre Chenier,*

« é como a Circe que maneata os forasteiros de invisiveis liames, e lhes dá continuada festa de musica, paysagens, perfumes, pompas, e mulheres, afim de incutir-lhes o esquecimento de seu paiz!... »

Fernando fugia ás musicas e aos perfumes da magica cidade O seu amor era taciturno e solitario como um lucto de saudade inconsolavel. Nascera em rebentaçoens de fogo como as lavaredas da Sicilia. Estava debaixo de ceu italiano: incubou-se d'aquelle fogo que era o espaço, bebeu a peçonha da immensa mansenilha, que braceja serpentes de mortal amor por todos aquelles remansos fataes de Genova, Piza, Veneza e Napoles. O ceu esperára-o n'aquelle ponto para lhe emborcar d'um jorro todo o amor, que la em cima é glorificação, e ca em baixo inferno. As flores de sua alma desabrolharam das mil cores da esperança, e no viço de primeiras; mas logo amarelleceram. O formidavel « impossivel! » bateu-lhe na cabeça e peito, para que a razão e o coração morressem a um tempo. A razão morreu para não reagir. O coração vivia com centenares de cabeças como a hydra. O coração é a salamandra de seus proprios incendios; lacera-se, como o pelicano; de cada golpeada tira golphos de sangue, e neste sangue medram esperanças, cada dia mais infernadas. Este é o amor maldito dos que amam, como amava Fernando, a creatura divinisada por todos, izempta de todos, vigiada pelos olhos coruscantes do velho, que tinha coração de pai com ferocidades de leão velador dos cachorros.

Seria este imaginar impossiveis uma allucinação do nosso homem? A gente, mais sisuda e mais desbaratada em lidar com o mundo, não lhe acontece tantas vezes fazer pé atraz deante de travancos que uma borboleta transmonta a brincar por entre arbustos floridos? Neste artigo de mulheres, quantas vezes se nos figuram castellos roqueiros umas sobrancerias que lá ao pé se alhanam como relvados macios, planos, chãos, e todos desentranhados em boninas, que se estão como offerecendo ás sollicitas abelhas, e até a zangãos damninhos!

Ora, vamos ver se Fernando cae das alturas por onde se anda apoz do cherubim, e vem cá baixo á estrada coimbran, ao amor rameraneiro, de theor e modo que o estylo possa assingelar-se o necessario para ser bem entendido e estimado. Fuja todo romancista de entender com personagens, que trazem a cabeça de têlhas acima: a nossa linguagem lusitana é pouco para exorbitancias taes. Os francezes dizem tudo o que querem, e até o que não ha, nem tem idéa correspondente. Os alemães tambem. Cá entre nós, *boa gente do velho Portugal*, gente que é toda vulgo nas paixoens quotidianas, quem quiser remedar estrangeiros nublando os ares com fumaças de idealismo, despega em tolice tamanha, que não será assombroso fechar-se-lhe as portas da Academia Real das sciencias, ou negar-se-lhe venera da ordem de S. Thiago da Espada! Não póde ir mais longe o menospreço dos parvos.

Paulina via todos os dias Fernando na *piazza di Dome*, sobre a

qual se abriam as janellas dos seus aposentos. Chamava logo a irman, clamando pressurosa:

— Vem ver o nosso patricio, Eugenia!

Assentavam os cotovellos no peitoril do balcão de marmore, e ali estavam como duas rolas, a contemplar o portuguez, que as cortejara, e parecia têl-as logo esquecido. Não ousava fital-as segunda vez! Remir ava-as por entre os grupos: o espaço aereo d'entre quatro cabeças era a suprema ambição do moço, a entre-aberta do ceu nas visões d'um sancto anachoreta.

Algumas noites, as filhas de Bartholo de Briteiros viram Fernando no palacio Orlandini.

— Que terá elle que nos não procura?! — dizia Paulina a sua irman.

— Mas repara que não dá preferencia a ninguem!

E' tão triste aquelle homem! Serão assim todos em Portugal? — dizia Eugenia.

— Faz-me pena aquella tristeza! — accudia Paulina. N'outra noite, a compassiva filha do fidalgo disse á irman:

— Chamemol-o, sim? não parecerá mal?

— Não; pois que mal é chamarmos o nosso patricio?

Eugenia fez signal a um francez, que não era principe, nem duque, nem se quer especieiro rico: era um pintor, um amigo querido dos Bonapartes.

— Senhor *Leopoldo Roberto* — disse ella — conhece aquelle portuguez, que está fallando com a princeza Carlota?

— Fernando?.. Conheço-o desde que elle chegou a Florença — respondeu o pallido mancebo. — Achei um desgraçado.

— Desgraçado? — atalhou Paulina. — Que infortunios são os d'elle?

— Os extremos: os do amor sem esperança — respondeu o pintor.

Paulina encontrou os olhos de sua irman que pareciam dizer-lhe: « ouves? »

Leopoldo Roberto esperou novas perguntas das meninas. Passados minutos, aventurou-se o artista a perguntar:

— Pois não conheciam o seu patricio?

— Foi-nos apresentado pelo principe de Montfort — disse Eugenia — mas dos seus infortunios não sabiamos.

— E' de Florença a senhora que elle ama? — perguntou Paulina.

— E' de Portugal.

— E elle está em Italia? — accrescentou Eugenia. — Por que não vai então para Portugal?

— Andará a viajar para esquecêl-a... — disse Paulina.

— A dama está em Florença. A formosa Paulina conhece-a.

— Eu!...

— Sim, minha senhora. Diga-lhe o grande amor de Fernando, e peça-lhe que o salve.

O pintor ia retirar-se: Paulina exclamou:

— Venha cá... explique-me esse mysterio... Eu conheço a senhora portugueza que Fernando ama?!

— Os anjos de innocencia nem mesmo tem o coração que adivinha? — replicou Leopoldo. — Heide eu por força dizer-lhe que Fernando queria morrer sem que a imprevista Paulina soubesse que o matava?!

As meninas não profiriram um monossillabo. Leopoldo, o ascetico amante de Carlota Napoleão, aproximou-se de Fernando, que fallava com a princeza. Levava nos olhos uma alegria desusada. Carlota mudou de local, e o pintor disse a Fernando:

— Quebrei o encanto. Paulina sabe que a amas. E' bom que estas mulheres se glorifiquem com saberem os nomes das victimas. Morrer obscuramente!... morrer ignorado da mulher por quem diluimos a vida em lagrimas e sangue! Isso não! é preciso abrir larga fenda no peito, arrancar fóra o coração, e mostrar-lh'o. Então sim! ao menos servimos á gloria da mulher que se amou. Ella, se não póde dizer: « amei-o » diz « matei-o! » e póde ser que o diga com piedade; venha, pois, essa piedade posthuma, que deve ser regalo do cadaver! Que maior serviço posso eu fazer-te, amigo?

Fernando apertou convulsamente a mão de Leopoldo, sahiu aos jardins a dilatar o peito que desbordava d'uma alegria, que lhe dava commoçoens como as do medo. O pintor não o seguiu, dizendo:

— Vai só, que eu não tenho alegria nem lagrimas que esconder. Recorda-te sempre de mim: propiciei-te o idolo em cujas aras eras desconhecido holocausto. Agora podes acabar que cumpriste a tua missão. A minha ainda está imperfeita.

Para que o leitor me não tome como coisa de destemperada imaginativa este Leopoldo Roberto, pintor francez, amante de Carlota Napoleão, peço-lhe que abra um livro de Eugenio Pelletan, o qual livro se chama « Horas de trabalho ». Ahi, por algures, achará, em rezumo, n'aquella linguagem diamantina do illustre professor de philosophia, a historia dos amores, e logo, na pagina seguinte, a historia do suicidio do pintor.

Hão de ver como elle atirou com o peito ás puas do despedaçador IMPOSSIVEL, e arquejou voluptuariamente n'aquellas agonias, sem esperança de sentir a mão da princeza enchugar-lhe o suor glacial. Reparem no quadro que elle aperfeiçoou na vespera do seu dia final. São scenas campezinas: obreiros que vão ás ceifas e voltam dos campos coroados de espigas. Oh! que formosissimas visões antecedem os paroxismos do talento? Que lucido agonisar o dos genios! Quem hade crer na mortalidade d'alma, quando ella assim se rejubila ao pé do golphão em que o corpo se despenha como pedaço de materia pustulosa e tábida?

E não te salvou o anjo da arte, ó poeta das flores, dos arreboes, e dos crepusculos! Não tinhas uma Galathea em cada uma das tuas

componesas! Não te palpitavam aquelles corações debaixo da palheta! Já sabias que a tua immortalidade estava á porta do seu templo, para abrir-t'o, logo que a lousa te batesse em cheio sobre o craneo estalado pela bala?

Que princeza te valia uma inspiração das tuas noites desveladas!

Quantas rainhas de virtude deixaste lá em baixo escondidas nas florestas, que perpetuaste em teus quadros!

E não as amaste, como prodigo, e as deste ao mundo, que t'as ama, e as adora nas galerias, nos museus, nos emporios das summas maravilhas do bello!

Olha ahi por esses palacios de principes, na Florença, em que premeditas-te morrer, olha ahi como as turbas se inlevam no teu genio immorredoiro!

E vê tu quantas princezas, como a tua Carlota Napoleão, desceram do solio ao exilio, do exilio á tumba, da tumba ao esquecimento; e os teus poemas ficam; e o teu espirito revive em ceu e terra, e o homem pára deante de tua sombra, e deplora que uma princeza não subisse a ti para tu não desceres a procural-a no bojo negro do teu inferno, ou nas explendorosas serpes da chamma em que te abrasaste, ó crysalida d'um anjo!

VII.

Queremos agora ver como procede o portuguez.

A poesia do mysterio está aguada. Descerraram-se dentre as nevoas as duas estrellas que devem aproximar-se ou repellir-se. A constellação é mais de esperar, quando os prenuncios são desta ordem.

Tenha-se em seus brios Fernando Gomes! Portuguezes são pouco dados a beberem trago a trago uma prozaica morte em ideaes mysterios! Costumamos abrir o coração, e despejar a flux quanto lá ha. Se nos desdenham, a dignidade propria nos rehabilita. Se nos acolhem, damos, pelo commum, excellentes maridos, carinhosos pais, e preciosos jarrêtas na velhice.

Romances d'amor, que desandam em morte de tuberculos moraes, não pegam cá. Isto é terra de Espanha e ceu de Italia, como diz o mais poeta dos portuguezes, o dulcissimo Castilho. Ama-se como na Italia, e entedia-se como em Espanha. Quem quer saber o que é amar em Italia, leia Byron em Veneza, e Henry Beile em todos os seus romances, e peculiarmente na *Phisiologia do amor*. Eu gosto de indicar as fontes limpas, para que me não atribuam aguas sujas, nem acoimem o romance hodierno de pêco e ôco de conhecimentos uteis.

Ora, vamos lá ao conto, que está a meada a desencadilhar-se.

Fernando Gomes venceu o seu pejo, e voltou dos jardins ao salão. Um francez, desconhecido d'elle, perguntou-lhe se era o portuguez Fernando.

— Sou o portuguez, Fernando — disse o moço.

— As suas patricias encarregaram-me de perguntar a Leopoldo Roberto se o Sr. sahira; Leopoldo Roberto não sei onde está; porém, como encontro o Sr., creio que lhe dou prazer communicando-lhe directamente os cuidados das senhoras de Briteiros.

Fernando agradeceu affectuosamente a urbanidade do francez, e convisinhou das meninas, a tempo que chegava Bartholo.

— Patricio e amigo — disse este a Fernando — Não fuja da gente. Amigos amigos, politica á parte!

— Eu não fujo de V. Ex. — disse o moço côr de rosa, quanto rosas se alastram em rosto de homem trigueiro.

— Pois o Sr. sabe — tornou Bartholo — que está um portuguez em Florença, portuguez dos bons tempos, e não o procura?!

— V. Ex. até hoje não me deu bastante affoutesa para solicitar tamanha honra.

— Vá, quando quiser. As minhas portas estão francas a quantos portuguezes, realistas ou não realistas, quizerem visitar um portuguez que honrou sua patria!

(Claro é que os caibros e vigas das forcas não lhe pesavam na consciencia. Ha consciencias que revessam tudo como o occeano, ou tudo engolem como os ôlhos-marinhos das correntes caudaes. São as melhores para a vida, e as melhores para o diabo, que lhes anda sempre com o olho em cima.)

Bartholo proseguiu:

— Ora o Sr. que sahiu, ha dois annos, de Lisboa, hade dizer-me se lá viu meninas mais galantes que as minhas filhas!

Fernando corou outra vez, e tartamudeou. As meninas sorriram; e o pai insistiu na pergunta com um certo desplante que não vai mal em velhos folgasãos, e até faz gosto ouvil-os nestas liberdades, quando fundam em muito amor ás filhas.

Fernando respondeu:

— Posto que eu conhecesse pouquissimo a sociedade de Lisboa digo, sem receio de baixa lisonja, que as filhas de V. Ex. seriam em Lisboa, como em toda a parte, bellezas distinctas.

— São a pintura da mãe — atalhou Bartholo. — Minha mulher foi a dama mais linda de Portugal. Deixou-me estes anjos para me sustentarem. Se não fossem ellas, eu tinha-me atirado á cova que m'a roubou!

Assomaram subitamente lagrimas aos olhos do quinquagenario. Fernando hauriu praser d'aquellas lagrimas. Porque? O moço queria presupor coração, sensibilidade, e affectos brandos n'aquelle homem, que lhe avultava de bronze á phantasia.

Passou Bartholo o lenço pelos olhos, e continuou:

— E ha por ahi quem se tenha lembrado de me privar das filhas!.. Vem com a palavra « casamento » propor afoitamente a um pai que rompa os laços de dezoito annos, que lance de si as suas joias, a luz dos seus olhos, o ar do seu peito, e as deixe ir nos braços d'uns liber-

tinos fatigados, que as viram hontem pela primeira vez, e ámanhã lhes voltarão a face com sobranceria de maridos! E' horrivel este systema de organisação social! A sociedade não se sustenta senão á custa destes roubos legaes feitos ao coração d'um pai. E isto se chama manutenção da moral!... Deixal-a ser! As minhas filhas são a minha vida. Em quanto eu respirar, quero vêl-as, quero têl-as ao lado do meu leito de agonia. Custaram-me muito. Ficaram sem mãe muito tenrinhas. Creei-as eu nos meus braços: passava as noites com o ouvido collado á fechadura das alcovas onde dormiam as amas para assim que os anginhos chorassem acordar as mercenarias criadas. Isto fazia eu, Sr. Fernando, quando negocios importantissimos de estado dependiam das minhas vigilias. Cresceram aquecidas pelo meu bafejo. Trouxe-as desde os seis annos na minha carruagem, quando ia aos tribunaes: não as confiava de ninguem. E queriam roubar-m'as agora, que estão feitas, lindas, e ricas de felicidade e alegria para me retribuirem o muito que soffri por ellas!... Ainda bem que nenhuma me tem sido ingrata. Quando regeito os pretendentes, adivinho-lhes a vontade d'ellas. O maximo praser, que me dão, é serem dignas de illimitada confiança. Dizem que as vigio; tem-m'o dito o principe de Montfort: é falso, é calumnia: ellas ahi estão que o digam. São senhoras das suas acções: vão onde querem: ordenam seus passeios e visitas; e eu sigo-as com a docilidade e contentamento d'uma creança.

Ambas ellas sabem que me matam no momento em que me deixarem, e por isso Florença, Londres, Pariz tem sido para minhas filhas como desertos... Coitadinhas! querem ir para Portugal; tem saudades de não sei que puerilidades!... deixai estar, filhas, lá iremos, lá iremos em dias mais ditosos. A justiça hade vencer por que sois dois anjos, e estaes da parte da justiça. Tendes muita vida para largas esperanças. Voltaremos a Portugal, talvez mais cêdo de que vós mesmas ambicionaes. O rei.... Agora reparo que estou fallando com um soldado mindeleiro...

— Não, Sr. — atalhou Fernando — não posso gloriar-me da façanha do Mindello...

— Façanha!.. Ora essa! que façanha?!

— Coragem, atrevimento, se V. Ex. antes quer....

— Qual coragem!.. O Sr. então não sabe a historia contemporanea... Falle-me de traições, se quer que eu lhe explique a façanha do Mindello, que, esprimida na mão imparcial d'um critico, dá de si um heroismo negativo, uma pagina de historia, que d'aqui a cincoenta annos, quando os taes 7:500 tiverem morrido, será redusida á data do desembarque d'um principe foragido do Brasil, e mais nada..

Fernando Gomes estava escarlate, e reteve-se a ponto de murmurar apenas:

— A historia não se faz assim. V. Ex. está brincando...

— Brincando!... — interrompeu irado o membro da Alçada. — Creia o que eu lhe digo, que tenho o segredo da rebellião desde mil

oitocentos e dez. O Sr. nasceu hontem: não sabe nada. Pegou d'uma arma, quando naturalmento largou a espada de folha de flandres, e a pistola de matar moscas...

Paulina fitou os olhos em Fernando, e fez com elles e com os labios a mais ameigadora supplica de silencio e tolerancia. O condecorado das linhas do Porto sorriu-se, já perdida a côr, e fez um gesto mezureiro ás galhofas algum tanto colericas do fidalgo.

Bartholo cahiu de seus azedumes, quasi furiosos, na rasão e arrependimento do excesso. Com brandos termos e rosto prasenteiro se desculpou, promettendo nunca mais fallar em rei nem roque; e ajunctou:

— Sabe o que faz isto? E' eu não ter portuguez com quem falle nas desgraças de Portugal, que tanto o são para gregos como para troianos. Estes emigrados francezes e polacos todos me fallam dos negocios da sua terra, e ninguem sabe nada dos negocios da minha. Chamam-me hespanhol, e não querem accreditar que Portugal é uma nação que faz reis e desordens por sua conta e risco. Um francez a quem eu descrevia os tumultos de Portugal, desde que Napoleão lhe quiz lançar as garras, teve a petulancia de me dizer que qualquer pôça d'agua suja, examinada com um microscopio, offerecia um rebuliço de vermes admiravel! Confesso-lhe que, se não tivesse duas filhas, havia de por-lhe a cara ao francez em apuros de ser examinada com o microscopio!

Fernando Gomes, soffreando a indignação, sorriu-se. O seu primeiro assomo fôra pedir o nome do francez; reflectindo, porém, um momento, desculpou o francez com as objurgatorias ridiculas, e talvez sanguinarias de Bartholo de Briteiros contra Napoleão, na propria casa de Jeronimo Bonaparte, o irmão predilecto do imperador.

O dialogo terminou assim, sem que as meninas proferissem palavra. Fernando affastou-se com tristeza, recordando as vehementes espressões de Bartholo, com referencia ao casamento impossivel das filhas. Quem, d'animo frio, ouvisse o cioso pai de Paulina, daria pouco peso aos termos acres e dispoticos do velho: o mais racional seria preparar a rebellião no espirito da filha, e vingar assim a sociedade ultrajada pelo egoismo d'um tyranno de dois corações, sedentos de mais amoraveis affectos, e mirando a elles por providencial influxo. Fernando, porém, com o seu verdadeiro, e, por isso mesmo, timorato amor, ponderou como invencivel a vontade do pai, e inconquistavel a vontade de Paulina.

Estava elle ingolphado nestes pensares a distancia visivel das meninas. Eugenia chamou-o, e disse-lhe:

—O papá affligio-o com as suas rabugices?

—Não, minha senhora: eu respeito a paixão do Snr. Bartholo de Briteiros.

—Olhe que elle diz assim as coisas; mas não odeia ninguem

—disse Paulina.—Quando vai a nossa caza? Estimavamos muito vel-o, para conversarmos muito da nossa terra· Vá amanhãn, sim?

—Com o maior prazer... balbuciou Fernando.

Demora-se em Florença?—tornou Paulina.

—Não sei dizer a V. Ex...

—Depende o demorar-se da vontade de sua familia? perguntou Eugenia.

—Ja desobedeci á vontade de meus pais. Eu devia estar em Lisboa a esta hora...Estou em Florença, e Deus sabe onde o meu destino me chama...

Se Leopoldo Roberto houvesse sido menos explicito com a filha de Bartholo de Briteiros, o tom em que Fernando respondeu á pergunta de Eugenia, bastaria a manifestal-o. O silencio de ambas, e a meiga expressão de Paulina; foi tambem para elle sobeja prova de que o tinham comprehendido. Os dois corações n'aquelle instante, esposaram-se em mysteriosas delicias. Tinham-se revellado tudo no magnetico relance d'olhos que se trocaram. Aquellas almas ou se haviam mentido, ou identificado para sempre. Nenhum d'elles assim o pensava. Nós, os que estamos de fóra, é que sabemos decidir estes vinculos eternos, e raro nos illudimos. Pena é que cada amante não traga á sua beira um observador, bastante martellado nestas psycologias, para desde logo caminhar em terreno seguro, com a sibylla ao lado.

Fernando visitou o fidalgo. O acolhimento foi exellente. As meninas reviveram quantas recordações ainda tinham de Lisboa. O antigo desembargador, com insolita moderação, relatou ao hospede a chronica mysteriosa de Portugal desde 1810, a revolução de Gomes Freire de Andrade, a de 1820, e as alternativas sequentes das duas parcialidades. Teve momentos lucidos de consciencia politica, e de admiravel modestia. Pelos modos, se em vez do conde da Barca, ou do conde de Basto, elle fosse o ministro vallido de D. João VI, ou de D. Miguel, Portugal voltaria á sua idade de ouro. Para se exaltar, era justo que desluzis-se a reputação dos privados de D. Carlota Joaquina, e então foi verdadeiro. Deu como decidido ter sido envenenado D. João VI. Contou minudenciosamente a morte do marquez de Loulé em Salvaterra: chamou-lhe *golpe de estado*: mas a historia hade ser chamar-lhe golpe de cajado, por que o palaciano foi morto a pauladas. Deteve-se por descuido a fallar dos supplicios de Lisboa, e Porto, e Extremoz. Eram tudo, no seu modo de ver, sacrificios necessarios á manutenção da Ordem. E argumentava com a historia. O protestantismo, dizia elle, não entrou em Portugal: graças ás fogueiras da inquisição. Emquanto a Europa ardia em guerras religiosas, Portugal gosava-se pacificamente da sua prosperidade, e da puresa do seu catholicismo. Destas sublimes paragens da historia portugueza, descia o apologista do fogo depurativo da fé a provar a necessidade

da pena de morte como cauterio ás chagas sociaes antes que ellas contaminem os membros sãos. *Etc.*

Fernando ouvia-o silencioso. As meninas, entretidas com os taboleiros floridos dos seus jardins, disiam entre si:

—E tu és capaz de lhe dar o ramo, Paulina?

—Era... mas...que heide eu dizer-lhe? Ensina-me, Eugenia.

—Eu sei cá!.. não lhe digas nada...Quando o pai não vir, offerece-lhe as flores.

—O melhor éra deitar o ramo no chapeo.

—Mas se elle o deixa ver ao papá?—redarguiu Eugenia.

—Deus nos livre! E que pensas tu?..

—De que, Paulina?

—Será verdade o que disse o Leopoldo Roberto?

Se elle te ama?

—Sim...

—Pois não vês?!. Eu ia jurar que sim... E tu? tu é que deveras gostas d'elle...

—Penso que sim... E de que serve?!.. Este amor, que o pai nos tem, é uma prizão! Todas as meninas da nossa idade tão felizes!.. e a gente nesta melancolia, a dominar as inclinações...para o não desgostar! Os outros pais não se importam! A gente vê tanta gente alegre com seus maridos! pois não vê?

—Pois sim; mais tu que queres, Paulina? O pai não nos deixa cazar...

—E' porque a gente se não tem importado...

—Estás enganada... O pai soube que eu gostava do conde de Rohan, e fingiu que não o sabia. Lembras-te? Uma vez disse-me que se eu amasse alguem em Florença, ia immediatamente comnosco para a Azia! Quando tu em Pariz gostaste d'aquelle emigrado portuguez, não viste como elle sahiu logo para Londres?

—Depois o Albuquerque foi ter a Londres—atalhou Paulina—e o pai foi logo para a Escocia.

—E' verdade; e depois, diz a toda gente que as grandes cidades são dezertos para nós! Tu verás, Paulina...Se elle desconfiar que amas a Fernando, leva-nos para a Russia...

—Isso leva!

—Então, vê lá se te sabes esconder, e, se fallares com o Fernando, diz-lhe que seja acautellado, senão...

—Como heide eu fallar-lhe?! Não vês que o papá ja hoje me perguntou o que hontem estivemos a fallar com elle no *soirée* do principe?.. Ja me lembrou escrever-lhe duas palavras...

—Ai! escrever-lhe! atalhou Eugenia assustada.

—Pois então? isso que tem? é crime?

—E se o papá vem a saber que lhe escreveste?

—Quem lh'o hade dizer?..

—Agora é que eu vejo que o amas seriamente, Paulina!..

—Amo: de ti não me escondo, Eugenia.

—Pois então, se queres, escreve-lhe.

—E que heide eu dizer-lhe?.. Eu nunca escrevi... Tu é que ja sabes, minha Geni,

—Diz-lhe que não denuncie que te ama; senão, que o papá nos tira logo de Florença.

—Só isso?!

—Pois que mais? Quando elle te escrever, então responderás!..

Este dialogo, que parece estirado correu em menos de oito minutos. As meninas pediram ao pai licença para subirem do jardim a caza.

Ora aqui tem o leitor como conversam os anjos.

Quem, com ouvidos corporaes, ouvisse aquellas meninas havia de suppor que estavam ali duas creaturas vulgares, como todas as que procedem de Eva, que dialogava com serpentes, e comia fructas da sciencia do mal! Cumpre saber que os anjos, em quanto peregrinam cá por estes pantanos do globo, fallam segundo ouvem fallar. Parece que, ao descerem do ceo, trazem, como regra, o anexim: *cada terra com seu uso*. A gente não acaba de capacitar-se d'isto!

(Continúa.)

C. Castello Branco.

VIAGENS.

PORTO-FELIZ.

(S. PAULO.)

—

(Continuação).

Leonardo accommodou os animaes, e veio preparar a sua cama aos pés da minha, *estendendo* no chão os baixeiros dos burros, e fazendo travesseiro do *lombilho*. Tiron a faca da cinta, um rolo de fumo da algibeira, preparou um novo

cigarro de palha; puchou o inseparavel isqueiro, e depois de saborear uma duzia de fumaças, deu-me as boas noites, e voltou-se para o outro lado, poucos momentos depois ressonava com o monotono compasso de um folle que accende uma forja.

Eram seis horas e meia da tarde!

Ao escurecer, a velha locandeira trouxe-me um candieiro de ferro enferrujado, em cujo bico ardia uma torcida de grossura de um dedo, espalhando uma nuvem de fumo espesso e quasi negro. E por maiòr desgraça não tinha vellas, nem mais azeite em casa!

Assim se foram passando as horas fumando charutos uns apoz outros, até que por fim achei-me com a paciencia e a charuteira esgotadas.

O candieiro lançava já os ultimos lampejos de uma luz avermelhada e fraca, estando a atmosphera do quarto completamente toldada com a fumaça dos charutos e do azeite. Esta situação prolongou-se por algum tempo, sem que eu tivesse animo de me levantar e apagar o morrão da torcida, que era o unico ponto luminoso que brilhava no meio das trevas.

Uma cousa me sobresaltava ainda mais que todas as torturas por que havia até então passado; era um certo buraco que havia na parede, mesmo aos pés de Leonardo, por onde sem difficuldade podia entrar um cachorro de fila. Aquelle furo communicando para o exterior, e em tão proximo contacto com a capoeira que rodeava a casa e se estendia até ás matas circumvisinhas, era, — não devo occultal-o a ninguem, uma fraquissima garantia á minha segurança individual.

Quanto mais procurava desviar delle a attenção, mais o rombo fatal parecia ora crescer, ora diminuir a meus olhos. Era uma verdadeira fascinação. Fechava os olhos e o maldito buraco a representar-se-me na imaginação, umas vezes tomando fórmas monstruosas, outras circunscrevendo-se a ponto de se tornar quasi imperceptivel nas sombras fluctuantes da visão.

Não sei se cheguei a adormecer; mas o certo é que ouvi distinctamente, primeiro ao longe, depois em mais proxima distancia da casa, um som de natureza indiscriptivel, semelhante ao ruido que faz uma pendula nos instantes que precedem a pancada do martello, e em seguida um

como chocalhar de guisos, que me ferio os ouvidos com um éco sinistro e quasi aterrador.

Que será? pensei eu.

Não foi preciso muito esforço, porém, para me lembrar que, nas proximidades da floresta, no meio de tão inhospito descampado, só podia ter uma origem este sylvo desusado, sobrelevando-se á orchestra que de noite formam os insectos e o coaxar dos sapos, nos lugares ermos, e sobretudo na proximidade dos terrenos paludosos; — era o assobio da cobra cascavel, acoutada no capoeirão, e que tanto abunda nestas paragens.

Confesso que me não tranquilisou esta conclusão, a que cheguei depois de um curto raciocinio. Em todo o caso aceitei o facto, como uma digressão feliz para quem se debate no infernal estado de uma prolongada insomnia.

O ruido, umas vezes perto, outras mais affastado, parecia no emtanto não se alongar de roda da casa, o que indicava que estavamos ameaçados de uma visita, que não seria certamente das mais agradaveis.

Neste caso entendi que era melhor e mais prudente dar cabo do reptil, que sermos accomettidos por elle. Resolvi, pois, accordar Leonardo.

Era esta uma outra difficuldade com que não deixei de contar no meu plano de attaque.

— Leonardo! gritei eu por tanto, estendendo-me de bruços no inverso da posição precedente, de modo que fallava junto ao ouvido do meu companheiro.

Nada.

— Leonardo! accorda! clamei pela segunda vez, o mais alto que me foi possivel.

O mesmo silencio absoluto.

Então travei-lhe um braço, e dando-lhe uns poucos de empuchões, repeti-lhe pela terceira vez o nome, pedindo-lhe que accordasse.

Creio que desta vez abriu os olhos, o que não pude verificar por causa do escuro; porque sentando-se immediatamente na cama, me disse com imperturbavel tranquilidade.

— Vamos embora, patrão:

— Não é isso, Leonardo, lhe contestei, explicando-lhe succintamente qual era a singular origem de todas as minhas apprehensões.

— Não ha duvida que é a cascavel, me contestou elle,

depois de ter tido por muito tempo o melhor dos ouvidos á escuta.

— E então? lhe perguntei eu.

— E então, me tornou, é preciso primeiro de tudo arranjarmos uma luz.

Encontrei por acaso alguns phosphoros de cera em uma algibeira do colete, e com este auxilio conseguimos pôr em pratica as mais arriscadas manobras.

Leonardo com a maior presença de espirito abriu a porta, sahiu, e foi ao campo buscar algumas folhas do matto, seccas, com as quaes, o auxilio da lenha que ficára fóra, e o concurso dos meus serviços, conseguiu accender uma enorme fogueira, que em poucos minutos estalava ao ar livre, inundando todos os objectos que nos rodeavam com seu clarão abraseado.

— Héta! patrão, que bonito fogo! exclamou elle batendo as mãos em roda do braseiro. Parece-me uma tropa arranchada no meio do sertão, ouvindo-se os rugidos das onças, e os gritos das antas e dos tamanduás! Póde dormir descançado agora. A cobra tem medo disto, como os burros de animal morto. Descance patrão, e durma a seu gosto, que não hade ouvir mais os guisos da cascavel. E agora vai de um somno só até á madrugada, que não deve andar longe, pelo ar frio que se respira

Foi então que me deitei de novo e dormi, até que a voz conhecida de Leornado me dispertou, gritando-me ao ouvido por sua vez estas palavras, em sua phrase pittoresca:

— Leva arriba, patrão, que já lá vem rompendo a barra da manhã!

Uma hora depois, estavamos seguindo o nosso caminho pela estrada, no meio desse crepusculo fresco e asulado da madrugada, em que o ar se aspira embalçamado pelos perfumes das flores agrestes, e dos rosmaninhos da selva, e os passarinhos cantam nos galhos dos arvoredos, saudando com reconhecimento as promessas benignas do dia. Tudo sorria na natureza. Leonardo acompanhava instinctivamente este concerto de felicitação universal, repetindo as toadas de sua terra; e eu seguia silencioso, e engolphado nas harmonias que de toda a parte se exhalavam da terra e do ceu, e vinham morrer casadas em minha alma n'um amplexo divino e mysterioso.

II.

A estrada de Indayatuba a Porto—Feliz, é lavrada de medonhos e continuados atoleiros, e mais de uma vez me achei em risco de cahir dentro de algum abysmo, tão ruim é este trajecto, e tanta attenção vinha eu prestando ás narrativas de Leonardo, pois entre outras cousas que delle aprendi, vim a saber que a palavra *Indayatuba* dos indigenas, significa lugar abundante em côcos de indayá.

Sem que nos acontecesse todavia mais episodio digno de contar-se, chegámos finalmente a Porto—Feliz, soffrivelmente cançados da jornada, e necessitados de uma hospitalidade mais benefica do que haviamos encontrado na noite precedente.

Foi o que felizmente nos aconteceu em casa do nosso amigo, Dr. Alvarenga Pinto, juiz municipal do lugar, onde gosa as sympathias que em toda a parte lhe hade conquistar a sua elevada intelligencia, e essas maneiras francas, joviaes e distinctas que caracterisam os homens de letras e os talentos superiores.

Alvarenga Pinto é um nome muito conhecido nas modernas tradições litterarias de S. Paulo, pois é um dos mais notaveis representantes dessa pleiada de academicos distinctos a que se liga a memoria de Alvares d'Azevedo, José Bonifacio, Bernardo de Guimarães, Homem de Mello, e muitos outros que souberam conciliar com os estudos mais positivos do curso juridico o trato ameno das musas, e o commercio agradavel dos escriptores antigos e modernos, tornando-se credores do respeito de seus companheiros, e recommendaveis nos factos mais gloriosos da Academia.

Em tão bôa companhia não podia deixar eu de passar momentos muito agradaveis, não só em nossas palestras nocturnas, como nas varias excursões que fizemos a visitar o que ha de mais notavel na cidade de Porto—Feliz.

Em primeiro lugar diremos que este nome está em diametral opposição com o estado de lastimavel decadencia a que tem chegado esta povoação. E' um dos centros interiores da provincia a que se póde aplicar estas palavras do nosso amigo e desditoso Ribeyrolles, fallando de Iguassú: « A igreja mesmo, lá está como uma tenda: dirieis que quer partir. »

A cidade está edificada á margem esquerda do rio Tieté,

e tem a fórma de uma guitarra. A sua rua principal é a chamada de *Sorocaba*, por se entroncar com a estrada que vem deste municipio, e as outras além de pequenas, são pouco importantes pelas suas construcções, e ainda menos pelo seu trafego.

Aqui existio primitivamente uma aldeia de indios Goyanazes, a que davam o nome de Araritaguaba, que significa *arára come pedra*, em virtude de um singular paredão que existe á beira do rio, e de que ao diante trataremos.

Foi elevada a villa esta povoação, em 1797, sendo governador de S. Paulo Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, segundo afirma Milliet. E ha pouco por uma lei provincial lhe foram concedidos os privilegios de cidade.

O seu commercio é muito insignificante, pois apenas existem aqui algumas tabernas, e poucas lojas de fazendas e armazens.—A população deste districto que já foi de 10, a 11,000 almas; está hoje reduzida a 7,000; sendo 5,000 livres, e 2,000 escravos.

A matriz, com a invocação de N. S. Mãe dos Homens, é um templo superior ao estado de decadencia do lugar, mas parece que vai soffrendo da mesma doença, pois as suas torres ameaçam ruina. A capella mór no emtanto foi pintada e dourada ha poucos annos pelo Sr. Miguel Archanjo Benicio Dutra, notavel artista Ituanno, de quem já tratei fallando de Piracicába.—

A casa da Camara e cadeia é um edificio pouco importante.

A collocação pittoresca da cidade, o ameno e sadio clima do lugar, o caracter bondoso e hospitaleiro de seus habitantes, a fertilidade dos terrenos que produzem café, canna, agoardente, algum chá e fumo, parece um conjuncto de circumstancias favoraveis para o estabelecimento e progresso de um nucleo de população interior. Não tem, porem, acontecido assim.

Acreditamos, portanto que, entre as causas do seu atraso, além da primeira, que é a falta de braços, se deve assignalar como uma das mais dignas de attenção, a nova direcção que tomaram as monsões para Cuiabá e Matto Grosso, que d'antes se fasiam por este porto, e seguiam pelo rio Tieté.

(*Continúa.*)

A. E. ZALUAR.

UM PARENTHESIS NA VIDA.

FRAGMENTOS DE UM MANUSCRIPTO.

I.

Volta-se de um amor, escreve um humorista, como de um fogo de artificio: triste e aborrecido. Tal é em resumo a minha situação. E feliz o homem que, apoz um sonho de longos dias, não traz no coração a minima gotta de fel. Pode olhar sobranceiro para as contingencias da vida e não apprehender-se de vãos terrores ou vergonhosa pusilanimidade.

E' certo que as naturezas capazes de resistir ao choque das paixões humanas são inteiramente raras. O mundo regorgita de almas melindrosas, que, como a sensitiva dos campos, se contrahem e murcham ao menor contacto. Sahir salvo e rijo dos combates da vida é cazo de rara superioridade. Esta gloria, esta felicidade, ou esta honra, tive-a eu, que, nas mãos da mais vesga fatalidade, nada deixei do que recebi de puro e verdadeiramente perduravel. Passei a pé enxuto o tunnel que se me abriu diante dos olhos, sem me dar do marulho das ondas ou dos rugidos do vento.

II.

A vida é um livro, no dizer de todos os poetas. Negro para uns, dourado para outros. Não o tenho negro; mas o parenthesis que se me abriu no meio das melhores paginas, esse foi angustioso e sombrio.

Nunca entendi o livro do Job, como então. Só então calculei que a miseria depois da opulencia era um mal maior do que a mizeria desde o berço.

As lamentações do filho de Hus, não só as entendi, como me serviram de exemplo. Vi-o maldizer a hora

do nascimento e assisti á resignação com que se lhe illuminou a alma e com que elle aceitou experiencias do ceu. Como elle amaldiçoei, e como elle me resignei. Aquellas paginas respiram consolações, aspirei nellas a tranquilidade presente.

III.

Acontecimentos imprevistos obrigaram-me a deixar a provincia e estabelecer-me algum tempo na côrte. Foi isto no anno de 185.... Os acontecimentos a que me refiro eram relativos á minha familia. Tinha eu ordem de demorar-me um anno na côrte depois do que voltaria á provincia.

Devo referir uma circumstancia de interesse para o caso. Um de meus tios tinha uma filha de vinte annos, talvez bonita, mas em quem eu não reparára nunca, e a quem tinha simples affeição de parente. Era do gosto do pae que nos cazassemos, e não menos do gosto d'ella. Duas ou tres vezes que me fallaram nisso respondi seccamente que desejava ficar solteiro; não instaram mais; mas a esperança nunca a perderam, nem o pae nem a filha.

A explicação da minha recusa e do desamor com que eu via a minha prima estava no meu genio solitario e contemplativo. Até aos quinze annos fui tido por idiota; dos quinze aos vinte chamavam-me poeta; e se as palavras eram differentes o sentido que a minha familia lhes dava era o mesmo. Era pouco de ser estimado um moço que não commungava nos mesmos passatempos da caza e via correr as horas na leitura e nas digressões pelo matto.

Minha mãe era a unica a quem taes instinctos de isolamento não davam para rir nem para desamar. Era mãe. Muitas vezes, alta noite, quando os meus olhos se cansavam de percorrer as paginas de *Atala ou Corinna*, abria-se a porta do gabinete e a sua figura meiga e veneranda, como a das santas, vinha-me distrahir da cançada leitura. Cedia ás suas instancias e ia repousar.

IV

A viagem ao Rio de Janeiro tinha para mim um encanto; é que, embora perdesse os carinhos maternaes e os passeios ao longo dos rios da minha provincia, vinha para uma capital desconhecida, onde, no meio da multidão, podia isolar-me

e viver commigo e de mim. Os negocios de que vinha tratar dependiam de poucas relações que eu inteiramente não estreitaria mais do que o necessario.

V.

Fui morar em uma casa da rua Direita, com o meu creado João, caboclo do norte, que me conhecia o genio e sabia sujeitar-se ás minhas preoccupações.

A casa não era grande nem pequena; tinha duas sallas, uma alcova, e um gabinete. Não tinha jardim. Ao manifestar o meu despeito por isso acudio João :

— Ha jardins e passeios nos arredores, meu amo. Meu amo póde, sempre que quizer, ir passeiar pelo interior. E Petropolis ? Isso é cousa rica !

Consolei-me com a expectativa dos passeios.

Passei os primeiros dias a ver a cidade.

Vi muita gente boquiaberta diante das vidraças da rua do Ouvidor, manifestando no olhar o mesmo enthusiasmo que eu quando contemplava os meus rios e as minhas palmeiras. Lembrei-me com saudade das minhas antigas diversões, mas tive o espirito de não condemnar aquella gente Nem todos pódem comprehender os encantos da natureza, e a maioria dos espiritos só se nutrem de quinquelherias francezas. Agradeci a Deus não me ter feito assim. Não me detenho nas impressões que me causou a capital. Satisfiz a curiosidade e voltei aos meus habitos de isolamento.

Dous mezes se passaram sem novidade alguma. Iam bem os negocios que me trouxeram ao Rio, e eu contava voltar á provincia dentro em poucos mezes.

Durante este primeiro periodo fui á Tijuca duas vezes. Preparava-me para ir a Petropolis quando fui attacado de uma febre intermittente.

João chamou um medico da vizinhança que me veio ver e conseguiu pôr-me são.

O doutor Magalhães era um bello velho. Ao vel-o parecia-me estar diante de Abrahão, tal era a sua phisionomia, e tal a moldura veneravel de seus cabellos e barbas brancas.

Aquella febre e aquelle doutor abriram o parenthesis de minha vida.

(Continua).

S.

JUPITER.

I.

A litteratura tem tomado em nossos dias proporções tão amplas, que é quasi impossivel distinguir-se um litterato, quando, inimigo da volubilidade, estaciona em um dos muitos ramos de que ella se compõe. A natureza, porém, que nada tem com este progresso da humanidade, rebella-se ás vezes contra mais louvaveis aspirações, mostrando triumphantemente o seu invencivel poder. Por estas e outras é que eu tenho visto poetas engraxando as botas aos parvos endinheirados, e sapateiros medindo pela craveira linhas curtas e compridas, para celebrarem em verso o anniversario natalicio das futuras mestras.

E' feliz aquelle que, sentindo a bóssa erotica, epica, bucolica, dramatica, satyrica, ou qualquer outra bóssa terminada em — ica — procura ser gigante cedendo á vocação que o impelle, e foge de praticar esforços inuteis para ser pygmeu em campo estranho.

Ha excepções honrosissimas, como se vê dos autos. Garrett, trepando por um fraldeiro acima, e fralde que se affastava muito das regiões terrestres, elevou-se com elle á maior altura do drama moderno, haja embora alguem que lendo *Os Homens de Marmore*, de Mendes Leal vacille em subscrever esta opinião, sanccionada quasi pelo consenso unanime.

Esse alguem sou eu, e declaro-o para evitar duvidas, deixando ao juizo dos criticos a liberdade de apreciarem este meu juizo, sustentado sobre base muito solida.

Leiam a disposição 4ª, artigo 179, titulo 8º da Constituição Politica do Imperio do Brasil, e contestem-me depois, se poderem.

Sobre as azas de maviloso cysne percorreu Garrett, ousadamente, o vasto horisonte do poema, ligando para sempre o seu nome ao

> D'aquelle cuja lyra sonorosa
> Fôra mais afamada que ditosa.

De braço dado com uma engraçada rapariga de olhos verdes, ainda o autor de D. Branca *viajando na sua terra*, transpôz victoriosamente o largo espaço do romance, colhendo applausos e despertando invejas. Eu sou um dos invejosos.

Quisera seguil-o, e, passarinho litterario, esvoaçar livremente de ramo em ramo, embora os caçadores desalmados espreitassem cá debaixo a occasião asada para me desasarem com os tiros da critica.

Mas sinto-me sem forças para emprehender tão arrojados vôos,

e assusta-me o receio de authorisar o coveiro a enterrar-me o nome, junto com o cadaver. Desejo perpetual-o (o nome, entenda-se) para gloria dos meus descendentes que por ora não tenho, e amedrontam-me as difficuldades que se oppõem ao complemento da empresa. O medo, aqui, é synonimo de juizo: falta-me a audacia que admiro em tantos, e que chego a respeitar quando me não encontro em distancia conveniente.

Arrojei-me aos primeiros ensaios no poema epico, no didatico, no descriptivo, no heroe-comico e outros. Não cheguei a gastar meia folha de papel em tudo isto.

Tentei ser romancista, faltou-me o estudo da historia para mentir e o recurso da imaginação para fallar verdade. Abandonei o posto.

Como dramaturgo, devo confessar que me não sinto com folego bastante para uma tentativa no drama realista, nem mesmo no constitucional, que deve ser a comedia, para que seja a anthitese completa. Espero que se installe no theatro a escola republicana, que será, talvez, mais absolutista que a actual, se as novas instituições não derogarem a disposição do n. 32, da já citado artigo 179, do titulo 8° da constituição do Imperio.

Da tragedia nem fallemos. Recorda-me com horror d'aquelles dous versos do meu conterraneo João Baptista Gomes:

Que... Basta: Nada mais; impios são todos,
E eu de todos o sangue beber quero.

Não se dá com o meu exquisito paladar este genero de bebida, muito usada nos banquetes tragicos.

Na ausencia de habilitações para tantas cousas, lembrei-me de ser historiador, mas reconheci a tempo que era pessima a lembrança. Estudar primeiro, para escrever depois?—Deus me livre. Não sou eu tão refractario que assim transgrida as sabias leis do progresso.

Estive por um triz a dedicar-me ás sciencias, e veio ainda a reflexão deter-me o passo. Marchava no mesmo terreno, sugeitando-me a peores consequencias. Era-me necessario começar a comprehender muito cedo, para ser comprehendido muito tarde, e teria de ver as minhas obras, ostentando a mais scientifica seriedade, entregues a eterna meditação nas estantes dos livreiros, em quanto outras, por serem mais leves, voam por esse mundo, como passaro fugido da gaiola.

Limitei-me, pois, quasi exclusivamente, a dizer mal do proximo: terei peccado contra a caridade, mas resta-me a consolação de ter sido mais verdadeiro do que a maior parte dos meus collegas.

Quando parodiando Jerome Paturot, andava nestas excursões, em busca de uma posição litteraria, tropecei algumas vezes, e até cheguei a cahir. E' d'alma nobre confessar os erros commettidos. O caso foi assim.

Accometteu-me um dia um furioso attaque de ternura, por causa de um máu olhado que me lançou uma pobre mulher.

Depuz a seus pés os meus instinctos epigrammaticos, e comecei a construir um castello de versos, curtos e compridos, que lhe consagrei. Era ainda no tempo das Marilias, Josinas e Elviras. Não é nada; a decantada torre dos Clerigos, no Porto, seria um atomo imperceptivel, comparada em altura com o meu castello. Peguei na Marilia, Josina ou Elvira — já me não lembra o nome — fiz della bola de campanario e obriguei-a a furar as nuvens com a cabeça! Como lhe chamava anjo, pareceu-me que ella tinha a cabeça no logar competente, fiquei contente da minha obra, e continuei a elevar-lhe os meus hymnos. Pois enganei-me redondamente. A pobre mulher era de barro estreme, e muito molle. Começou a sentir frio lá por aquellas rigiões, descobriu cá em baixo um velho fogão de ouro em que podia aquecer-se, e...

Oh que não sei, de nojo, como o conte!

Inclinou-se de mais, cahiu-me pelos versos abaixo, sujou todo o edificio, e foi desfazer-se na lama, ficando em tal estado de putrefacção que empestou a athmosphera!.. Livrem-se lá de uma destas!...

A' vista disto convenci-me de que estava condemnado pela sorte a ser apenas humilde cabo de esquadra no batalhão de que foi commandante Nicolau Tolentino.

Mas a lei immutavel do tempo trouxe-nos um novo genero de litteratura ameno, facil e rendoso: justamente aquelle de que eu precisava, e no qual espero attingir um grau de superioridade a que ninguem póde ainda elevar-se. Agora, sim, que posso dizer como Bocage:

Zoilos, tremei!... Posteridade, és minha!

Este abençoado genero é a biographia; mas não a que se limita a annunciar ao publico que o Sr. T. nasceu, que o Sr. F. casou e que o Sr. F. morreu. Isso é um simples plagiato do livro de assentos da freguezia; e eu não quero levar ao confessionario um peccado em que o parocho é o mais directamente offendido.

Mas, na verdade, são muitas, e difficeis de reunir em uma só pessoa, as qualidades que constituem o verdadeiro biographo! Convem-lhe:

1.° — Ser accessivel a todas as classes, para contrahir relações que o habilitem a saber da vida alheia, mais que da propria.

2.° — Conviver com os inspectores de quarteirão, empregados de policia e criados de servir.

3.° — Indagar minuciosamente as condições em que se acha o informador para com a pessoa a quem se refere.

4.° — Ser grave e circumspecto na apreciação dos factos, para fixar opinião segura sobre o merito do biographado, ainda mesmo que elle o não tenha.

5.° — Usar do maior criterio para não ferir susceptibilidades, empregar linguagem que agrade a todos os paladares, e a aquelles que não tem nenhum e, se possivel for, não ser inteiramente estranho á grammamtica.

Ora, se eu, conhecendo estes cinco mandamentos, deliberei es-

crever uma biographia, seria injustiça duvidar da minha capacidade para o desempenho de tão ardua tarefa.

Auxilia-me poderosamente a altesa do vulto que pretendo biographar. Camões não escreveria os Lusiadas se não existisse Vasco da Gama.

A biographia tem exposto á admiração publica muitos homens notaveis, e outros que devem a sua reputação aos louvaveis esforços dos biographos. Não pretendo deprimir ninguem; mas posso affiançar que nenhum dos grandes vultos dos ultimos seculos póde disputar a primasia ao meu heróe. Podiam distinguir-se todos por qualidades admiraveis; nenhum, porém, teve uma vida tão agitada, nenhum praticou actos tão extraordinarios. São esses rasgos sublimes, essas proesas inimitaveis que eu, embora em rasteira prosa,

Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

Comecemos. O meu heróe nasceu ha muito tempo, e chamou-se Jupiter, sendo filho de Saturno e de Rhéa. E' muito significativa aqui a simplicidade do nome, qne me dispensa de ir farejar-lhe a origem, em busca dos brasões dos avoengos. Se os seus ascendentes pertencessem a uma familia vulgar, poderiam seus paes chamar-se, por exemplo, Saturno José da Fonseca, e Rhéa Joaquina de Souza.

Ainda assim não precisava o filho de assignar-se Jupiter da Fonseca e Souza: a enunciação do seu primeiro nome é bastante para dezalojar, como uma rajada de vento, todo o chapeo que se achar pousado em cabeça de homem bem educado, infundindo todo o respeito que o mundo consagra á maior enfiada de appellidos exquisitos e pomposos. Uma circumstancia imprevista tornou o pae Saturno o maior antropophago dos seus felizes tempos.

Se existe ainda a raça, é muito degenerada. Expliquemos o caso. Titan, seu irmão mais velho, cedera-lhe o direito de primogenitura, a troco de uma horrivel condição. Não existia ainda a HYGIENE ET PHYSIOLOGIE DU MARIAGE, DE A. DEBAY; competia só á Providencia a designação do sexo a que deviam pertencer os filhos, e Saturno devia devorar, apenas nascidos, todos os do sexo masculino.

Arripiam-se os nossos civilisados cabellos quando pensamos no obscurantismo das passadas eras. Que seria de nós se ainda hoje o alfaiate a quem encommendasse-mos umas calças, ficasse sugeito ao accaso de sahir-lhe das mãos uma casaca!... Horrivel cousa!... O malicioso Titan, impondo ao mano aquella indigesta condição, pretendia recobrar, por esse meio, o direito que então cedia, do qual, por sua morte, se aproveitariam seus filhos.

Se seu irmão tivesse o estomago fraco, ficaria, pela recusa, á sôpa de Titan, que me não parece muito boa firma.

Era a primeira disposição para a lei dos morgados, que appareceu mais tarde. Tudo neste mundo tem uma origem.

Saturno teve a fraquesa de acceitar o contracto: um severo exame seguia sempre o nascimento de um filho, e era fatal ao recem-nascido o preconceito da epocha, em que se julgavam sagrados os contractos, ainda que fossem verbaes e sem testemunhas.

O progresso curou esta loucura, e hoje ninguem arrisca os seus interesses para cumprir uma promessa, ou juramento, proveniente de um instante de irreflexão.

Fossil e cabeçudo, o cidadão Saturno curvava-se ás leis e costumes do seu tempo, e se o recem-nascido era macho, commettia logo o mais horroroso *machicidio*, pondo immediatamente em viagem para a eternidade, com escala pelo canal do estomago, que o digeria com espantoza facilidade.

Rhéa, cujo nome era ouvido com acatamento a qualquer hora, e que hoje, pelo apuro a que chegou a lingua, não póde em boa sociedade ser pronunciado no fim do *dia*, não se conformava de modo algum com esta resolução, a que se sujeitava com grande repugnancia. E tinha razão.

Desta maneira perdia ella toda a nobresa da maternidade, para tornar-se um simples instrumento da arte culinaria, considerando seu marido um distincto discipulo de Domingos Rodrigues.

Depois de profunda meditação sobre este gastronomico assumpto, sentiu-se Rhéa com disposições para uma publicação viva, o que acontece a quem medita muito, e estabeleceu desde logo o seu plano para salval-a, se pertencesse ao appettitoso sexo. Sahiu-lhe a obra em dous volumes, e a previdente mãe teve o cuidado de occultar um delles, que o accaso expozera ao perigo, apresentando ao pae outro, que elle acaricion com paternal doçura, por pertencer ao sexo feminino.

Era Juno. Mas Saturno sabia da existencia do segundo tomo, e ja desconfiava da demora na apresentação. Rhéa sahiu-se deste apuro por meio de uma estrategia que nenhum homem conceberia. O tempo estava frio, e ella aproveitou-se desta circumstancia para entregar ao marido o segundo volume da sua obra, cuidadosamente encadernado em uma grossa manta, não se esquecendo de expedir quatro lagrimas, que revelaram a sua dor pela necessidade do sacrificio. Saturno, apesar de tudo, era pae. Louvou affectuosamente o cuidado maternal, e para não constipar o menino, enfiou-o pelas guellas abaixo, embrulhado como o recebêra, ficando satisfeito por ter cumprido mais uma vez a horrivel condicção do seu tratado com Titan. No momento da deglutição fez uma careta, e uma lagrima que sahiu do olho esquerdo foi lenitivo á magoa da triste mãe. Não está averiguado se aquella lagrima subiu do coração ou da garganta; porque Saturno, ao passo que, lamentando a sua sorte, ponderava que era robusto e bem fornido de ossos o pequeno, não deixava de notar que se vira parvo para o engulir.

Pois saibam VV. SS. que o pequeno athleta, cujo destino seu pae lamentava, pela promettedora construcção que descobrira mastigando;

o ossudo e carnudo volume que tão difficilmente passára pela paterna garganta; era, nem mais nem menos, uma grande pedra!.. Que lhe faça muito bom proveito. Cá ficou Jupiter, são e salvo, para mais tarde me inspirar o desejo de escrever-lhe a biographia.

Não comecem agora a discutir o facto, em desabono de D. Rhéa. Devemos desculpar-lhe a resolução, barbara na apparencia, de introduzir no estomago do marido os materiaes para a edificação de um predio, attendendo á maternal intenção de salvar seu filho.

Para gloria da civilisação, posso assegurar que já não ha paes que levem tão longe os instinctos gastronomicos, nem mães que introdusam pedras no estomago de seus maridos. Poeira nos olhos, ainda pode ser; não ouso afiançal-o.

Era necessario, depois, occultar a Saturno a existencia do menino, que foi remettido em carta fechada para a ilha de Créta, e entregue a umas honestissimas Nymphas, a quem fôra confiada a creação.

Um dia acordou Jupiter de madrugada, gritando como possesso. Tinham-lhe nascido nessa noite quatro dentes, e foram nascendo os outros, um em cada hora, continuando a gritaria, insupportavel e perigosa.

Titan e Saturno, attrahidos pelos gritos, podiam descobrir a meada, e tudo estava perdido. Os sacerdotes da freguesia, chamados Corybantes inventaram então uma dança estrepitosa, tocando-se mutuamente com escudos de bronze, e batendo de rijo com os pés, para abafarem assim os vagidos infantis, que revelavam já um soberbo barytono de *primo-cartello*. Seria, talvez, audacia asseverar que foi esta a origem do *batuque*. Não sei.

Com a dentadura já formada, e mettida em rigoroso alinhamento, foi o nosso Jupitersinho entregue á Cabra Amalthea, que se votou, com inimitavel desvello aos maternaes cuidados da amamentação do filho adoptivo. Se a impellia a caridade, ou o orgulho pela nobresa do pupilo, não me compete discutir. Louva-se o facto, e não se devassa a particularidade da intenção que o produsiu. O dominio do Santo Officio acabou, e não voltará mais, ainda que os Governos, entregues a cousas uteis, deixem em plena liberdade quantas Irmãs de Caridade, e Padres Lazaristas apparecerem. Consignemos aqui um tributo de admiração ao amavel quadrupede, cujo exemplo, chegando até nossos dias, é ainda tão proveitoso ás mães pretenciosas, e passemos adiante.

O menino Jupiter foi crescendo naturalmente, como qualquer cidadão; o orgulho, accompanhando o desenvolvimento phisico, inspirou-lhe o desejo de elevar-se, embora deixasse, na ascenção, supplantados todos os sentimentos nobres. A culpa foi do mexeriqueiro que lhe fez saber a sua origem; se elle não soubesse quem era seu pae; se acreditasse, mesmo, que não era filho de ninguem, talvez sahisse d'ali um optimo relojoeiro, capitão de navio, mestre de primeiras letras etc. etc.

Não succedeu assim. Jupiter, cedendo á inspiração do orgulho, participou pelo correio a seu pae que, sabendo a origem do seu nascimento, não prescindiria jamais dos seus direitos, cuja reclamação começava n'aquelle dia. Saturno estava tomando caffé quando recebeu a missiva: lendo-a, deixou cahir a chicara, e cahiu depois sobre os fragmentos, accommettido de uma syncope. Os jornaes deram logo noticia do acontecimento, fazendo votos pelo restabelecimento do illustre enfermo, e Titan, indagando a causa deste successo, teve outra syncope. Apenas voltou a si, julgou-se atraiçoado pelo mano; só pela traição podia explicar-se subitamente a existencia de Jupiter, que elle devia julgar depositado no estomago paterno, a não ter, por impulso da naturesa, seguido rumo diverso.

No accesso da cholera calçou as botas, affivelou as esporas e, entrando pelo céo dentro, expulsou Saturno, declarou-o seu prisioneiro e proclamou-se monarcha. Houve luminarias, vivas e musica á porta. A vista deste procedimento dos Deuses, não são para estranhar entre homens as guerras fratricidas. Maus exemplos.

Jupiter, no primeiro momento, só pensou na inutilidade da sua revolução, vendo que tinha desgostado seu pae, sem proveito; depois creio que teve noticia do contracto celebrado com Titan, e deliberou dar a seu tio uma lição furiosa, seguida de um rasgo de generosidade filial, Assim foi: aggrediu Titan, supplantou-o pela força, libertou seu pae e restituiu-lhe o throno.

Uma acção destas, bem aproveitada, com alguns accessorios sugeridos pela imaginação, dava uma biographia completa. Com menos se tem feito outras de grande importancia.

O velho Saturno merece um voto de censura por ter sido ingrato a esta exhuberante prova da dedicação filial.

O destino, que já nesse tempo dispunha a seu modo dos homens e das cousas, dissera-lhe ao ouvido que Jupiter nascêra para governar todo o Universo, o que era confirmado pelo milagre de lhe não ter nascido uma pedreira no estomago. Esta confidencia estragou tudo.

Saturno, cuja ambição era illimitada, procurou todos os meios de perder seu filho, e este, desfazendo com os pés o que fizera com as mãos, tomou armas contra seu pae, e, expulsando-o do throno celeste, obrigou-o a refugiar-se no Lacio. Na vida de emigrado foi Saturno uma bella pessoa, segundo resam as chronicas. E se é verdade o que diz *Dumustier*, nas CARTAS A EMILIA, SOBRE A MYTHOLOGIA, tradusidas por J. F B., e impressas em Paris em 1819.

Ali foi lavrador, de Rei que fôra,
E na cabana rustica, e mesquinha,
Achou o bem, emfim, que em Rei não tinha.
Um povo agricultor, docil a ensino,
A terra semeou, e tornou fertil.

Saturno foi amado. E é bem este
Que sobrepuja a adoração celeste.

O que parece fóra de duvida é que o illustre exilado deu origem ao rifão: « Ninguem é propheta na sua terra. » Como, porem, a sua terra era o ceo, poderá esta minha opinião ser tomada como heretica, e eu não quero questões com theologos. Assevero simplesmente que se chamou a aquelle feliz tempo a *idade de ouro*. A innocencia do povo foi desapparecendo pouco a pouco, os costumes perderam parte da sua puresa, o valor diminuiu, e estabeleceu-se a *idade de prata*. Mas a prata mareava-se, os homens endureciam-se, e veio a *idade de bronze*, que brevemente foi substituida pela *idade de ferro*. A invenção dos periodicos e das notas dos Bancos trouxe, por fim, a *idade de papel* em que actualmente anda embrulhada a humanidade.

(Continúa).

F. X. DE NOVAES.

DESCONFORTO.

(FOLHA SOLTA.)

Um dia quando conheceres todos os arcanos de minha alma, quando sondares as lutas que opprimiram o meu coração, saberás emfim se elle era digno de amar-te!

O gelo da indifferença vinha-me aos labios quando aos olhos do mundo pronunciava o teu nome, e no entanto mal pódes comprehender com que affecto immenso e profundo eu o dizia ás solidões do meu quarto e ás estrellas despersas no ceu.

Porque havia de presidir a esperança ao condão do meu amor se o encanto dos meus sonhos, se desfez como a tempestade desfaz os nevoeiros da noute.

Ver-te sempre entre as minhas douradas ambições e no fim de tudo nem um lampejo de felicidade por entre as trevas do meu desengano!

Nunca poderás comprehender o que ha de amargo e doloroso em um amor sem esperanças!

Os anjos que possuem tua alma não se amesquinham pelas paixões terrenas; tu és calma e tranquilla como a superficie de um lago em que se reflectem os diamantes do ceu.

Por entre os teus sonhos e devaneios de moça, nunca passou uma imagem pallida estendendo-te as mãos, e em nome de Deus, pedindo-te uma hora de consollo.

Ah! que nunca saibas o doer de um amor desventuroso!

Ver, o dia, a aurora, a natureza sorrir para todos, e na extrema do horisonte negrejar sempre e sempre a dôr que mata e estortega o coração, que descora e intrestece o semblante: é um martyrio insoffrivel.

Porque Deus me havia de lançar no fundo do coração esse amor?

Eu quasi que me avergo ao fardo e succumbo ao peso de tão estranho desconforto.

Ás vezes me creio maldito dos ceus! Por piedade, se um dia descobrires o que eu tenho soffrido e penado por ti, não me lances sobre a fronte a maldição do condemnado. o meu penar foi longo e insoffrido rasguei os pés nas urzes espinhosas da jornada, e quando sentia mais agudas e penadas as minhas dores, lançava-me de joelhos pedindo a Deus que me riscasse esse amor do coração.

Um dia, eu me lembro, era uma tarde formosa. A luz do crepusculo lutava com os ultimos clarões do sol. Eu voltava de uma pequena digressão pelas montanhas. Sombrio e triste eu me deixava guiar pelo instincto somente.

De repente os meus olhos se estacaram sobre as ruinas de um mosteiro. Esse mosteiro tinha o nome da tua santa. Eu cahi de joelhos banhado em lagrimas Não sei o que me veio á imaginação n'aquelle momento; pareceu-me porém que do meio d'aquellas ruinas ennegrecidas pelo tempo, erguia-se uma voz consoladora e que a tua imagem fluctuava entre aquelles negrumes como a ultima estrella da noute scintilla no primeiro clarão da aurora.

E quantas vezes depois disso eu tenho regado delagrimas o meu leito, pensando n'aquelle mosteiro deserto.

Não me odeies pois, se um dia os teus olhos se deslisarem através das paginas sombrias do meu agonisar; perdoa ao pobre sonhador, a quem appareceste como um anjo radiante de luz, e a quem sómente a negra fatalidade arremessou nas trevas.

Esfolha sobre o seu peito uma saudade, ou antes, um goivo, que sómente os goivos se esfolham pela campa dos mortos!

NUNO ALVARES.

PERDÃO !

Foi promessa, foi, Maria ;
Recorda o que eu te dizia,
E o que disseste tambem :
Eramos ambos na sala,
Sosinhos, sem mais ninguem;
Ambos baixo conversando,
Amb s d'amor a fallar,
Mas, ambos de quando em quando,
Com cuidado a disfarçar,
Erguendo a voz de repente,
N'uma palavra indiff rente,
Para outra sala enganar.
Eu, duvidoso, teimava,
Porque amor faz duvidar ;
Quasi então te injuriava,
Mas era só por te amar,
Porque mais então te amava ;
Não te lembras, dize, não,
O que tu disseste então,
Anjo do meu coração ?
Não te lembras ? — C'um sorriso,
Dos que só no paraiso
Os anjos sabem sorrir,
Teus olhos aos meus volvidos,
Nesse olhar tão confundidos,
Que, no doce confundir,
Eu já dos meus não sabia,
Que disseste, então, Maria ?
Agora, seja o que fôr,
Nao fique a esp'rança baldada ;
Linda rosa, meu amor,
Tens a palavra empenhada.

João de Lemos. 1º vol. *(O promettido é devido).*

Perdão, Elvira, se um momento, louco,
Eu pude um pouco duvidar de ti !..
Perdão, Elvira !.. Não duvido... creio...
Longe o receio que a sonhar senti !

Ah ! sim... foi sonho .. que tambem desperto
Vem sonho incerto perturbar-me assim,
Quando, em te vendo, para mim és tudo,
E inerte, e mudo, nem eu sei de mim !

Então contemplo teu mimoso vulto,
Presto-lhe o culto de um ardente amor;
E emfim, se acordo.. se na vida scismo...
Caio no abysmo da mais negra dôr!

Foi desse enlevo n'um ditoso instante,
Que eu, delirante, (nem pensava então!)
Absorto a ver-te, por te ver perdido,
Fiz-te *um pedido....* tu disseste: « Não. »

Justo castigo!... Com razão condemnas!
N'um « sim », apenas, prometteste amar;
E labios d'Anjo, como os teus, Elvira,
Nunca a mentira poderá manchar!

Disse-te: « Eu amo-te » — e essa voz sonora,
Doce, inda agora, nos ouvidos meus,
Tinha a harmonia de uma voz divina,
Que ao mundo ensina viva crença em Deus!

Disse-te, louco: « Minha Elvira, jura! » —
E essa alma pura vi soltar-se em ais;
Cego, eu não via no feliz momento,
Que *um juramento* não valia mais!

Ah! não, não jures!... Que eu não quero tanto
Dil-o este pranto, que o remorso traz;
Eu sei que *um voto* que fizeste um dia,
Dar-me devia venturosa paz!...

Eu creio! Eu creio nesse amor ardente;
Por ti, somente, saberei soffrer...
Se um dia a sorte me roubar o goso,
Longe, saudoso, saberei morrer!

J. DE B. PINTO.

CHRONICA.

Rio de Janeiro, 15 *de Maio de* 1863.

Se me fosse dado escrever uma chronica politica, esta seria de todas minhas chronicas a mais farta e a mais interessante. Com effeito, situação a que poz termo o decreto de 12 do corrente, marca na historia do perio, um dos mais graves e embaraçosos momentos ; e a mais simples osição do meu pensamento em relação á gravidade do caso e ao alcance da lida, bastaria para encher o espaço de tres chronicas.

Os inglezes têm, entre outras manias, a mania de grandes e singulares stas. Não menos inglezes foram muitos dos nossos politicos que, confiados a qual na sua impressão ou na sua esperança, lançaram-se á aventura e azar da fortuna. Qual, apostava cem bilhetes da loteria affirmando a servação da camara temporaria ; qual, punha a sua fortuna em jogo, alguem a quizesse aceitar, affirmando a conservação do gabinete ; e te movimento escoaram-se os dias que mediaram entre a abertura do lamento e a dissolução da camara.

Os mais espertos, dos taes que vivem

....aux depens de celui que l'écoute,

rmavam, uns a dissolução, outros o adiamento, outros a queda dos nistros, isto com um ar de iniciados nos segredos de cima, que faria ao mais grave e sisudo deste mundo.

O que é certo é que o anno de 1863 é, e hade ser fecundo em ntecimentos. Aguardemos o que vier, e deixemos a apreciação do de-o de 12 de Maio, não sem registral-o como uma data de regeneração.

Fóra da arêna politica nenhum acontecimento de alta importancia ndeu a attenção publica ; e se algum houve não teve o devido effeito meio de tão graves preoccupações.

Estava eu nestes cuidados, quando recebi uma carta acompanhada de rollo de papel.

A carta dizia :

« Ahi vão as paginas que te prometti. Não contando que desses pu-idade á minha carta, guardava-me para concluir mais detidamente este

trabalho. Já que foste indiscreto; paga a culpa da tua indiscripção O que ahi vae foi escripto ás pressas ; podia valer um pouco mais ; assim nada valle. E' do teu dever publicar estas linhas, e do meu assignar-me —Teu amigo certo, — S. »

Abri o rollo e li na primeira pagina : *Um parenthesis na vida*. A obsequiosidade do meu amigo Faustino de Novaes veio em meu auxilio : o começo de *Um parenthesis na vida* vae publicado neste volume.

Essa novella é um facto pessoal, ou pura imaginação de poeta?

Tentei resolver este problema ; procurei atravez de cada periodo a realidade ou a fantazia do assumpto, e confesso que fiquei sabendo o que sabia. Seja como seja, leia o leitor o conto e julgue-o como lhe parecer.

Com a chegada do inverno vai o publico dispensando alguma attenção com os theatros. O lyrico, além dessa circuustancia, tem a seu favor o facto de haver contractado novos artistas. Entre estes figura o baritono portuguez Antonio Maria Celestino.

A circumstancia da sua nacionalidade que, por costumes e lingua tão irman é da nossa, serviu-lhe de senha para a sympathia publica. Sobre isso valeu-lhe o seu merito intrinseco ; e o applauso publico coroou-lhe os louvaveis esforços.

As reflexões que me suggere o theatro lyrico, as aprehensões que nutro ácerca delle, e que peço licença para não divulgar, levam-me naturalmente a considerações geraes a respeito do theatro. Tudo, porém, desapparece momentaneamente, diante de um caso triste : o actor João Caetano dos Santos acha-se gravemente enfermo.

Deve ser indiscutivel para todos o merito superior daquelle artista ; e as nações que sabem fazer caso destas glorias, devem sentir-se sempre que a morte as inscreve no livro da posteridade. Por isso, ao boato falso do fallecimento do creador de *Cinna* o publico commoveu-se ; e hoje é certo que só ha um desejo unanime : a vida de João Caetano dos Santos.

MACHADO DE ASSIS.